

IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

VOCÊ JÁ OLHOU PARA UMA MÃE (NA UNIVERSIDADE) HOJE? - GT MATERNIDADES FACED CONSTRUINDO VISIBILIDADE PARA MÃES E CRIANÇAS

Ferreira, Taís; Loponte, Luciana Gruppelli; Hoffmann, Marilisa Bialvo; Vargas, Juliana Ribeiro de; Leal, Janaína da Rosa; Leitão, Myrela; Chagas, Ângela; Araújo, Jennifer; Cabral, Laís Marina Cezar.

FACED - Faculdade de Educação
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
taisferreirateatro@gmail.com
maternidadesfaced@ufrgs.br

Propósito

Esse resumo expandido reflete sobre as condições de emergência e consolidação do GT Maternidades da Faculdade de Educação da UFRGS e seus desdobramentos efetivos na conjuntura acadêmica no último ano, a partir de epistemologias das humanidades e das artes, que consideram a performatividade como construtora de sentidos, significados e conhecimento acadêmico.

Revisão da literatura

Duas recentes performances de mães artistas questionam o estatuto de visibilidade materno e os regimes que o condicionam: “Mãe”, de Jocarla Gomes (2024) e “Aqui cabe uma mãe?”, de Letícia Bassit (2023). Em ambas, quem olha (caso olhe), como se olha e como se legitimam os papéis maternos na sociedade, nos espaços públicos e laborais, são questões indutoras da criação e da ação performática. Jocarla percorre a Avenida Paulista em 03 de março de 2024 vestida com uma espécie de parangolé que nos remete aos caboclos de lança do maracatu rural, com um lenço na cabeça fazendo referência à Mãe Coragem de Bertold Brecht, (encarnada por Helene Weigel na montagem histórica de 1941), carrega uma lança nas mão e nas costas, em letras garrafais vermelhas, em um enorme bloco com sinos pendurados, a frase: “Você já olhou para uma mãe hoje?” (figura 1).



Figura 1. A performer Jocarla Gomes na performance “Mãe”, em 03/03/2024.

Letícia, por sua vez, produz uma série fotográfica na qual aparece amamentando sua filha bebê e ladeada pelo filho de quatro anos em espaços públicos como um bar, o metrô, uma sala de cinema e uma biblioteca universitária (figura 2). Essas imagens vêm à público acompanhadas da pergunta: “Aqui cabe uma mãe?”. Outra série fotográfica em que Letícia é mãe-performer é realizada em co-autoria com a fotógrafa Marcelle Cerutti (2024) na qual mães são retratadas em poses sensuais e divertidas, com figurinos e adereços que remetem a dimensões da vida apartadas da maternagem como a festa, a sexualidade, a força, a diversão, a ironia e o escracho. Essa última série tem o irônico título de “Cara de mãe” e é acompanhada por textos de Letícia, também autora de “Mãe ou Eu também não gozei”, livro (2019) e performance cênica.

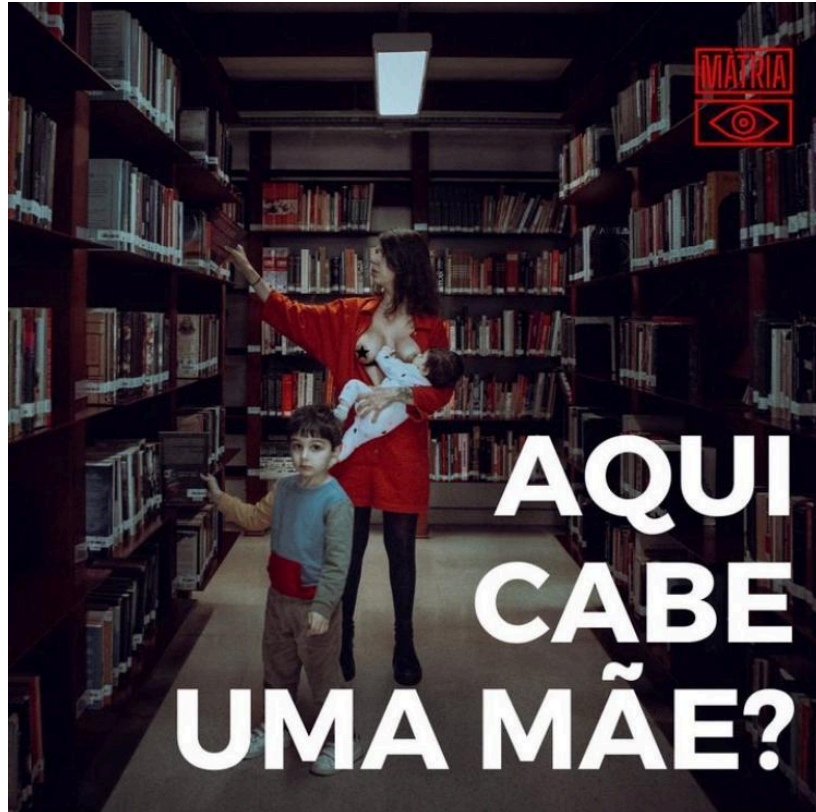


Figura 2. A performer Leticia Bassit e seus filhos Pedro e Luna, em “Aqui cabe uma mãe?”, 2023.

De que modo nos atingem essas performances, a nós, mães na academia? De que formas se relacionam com a presença invisibilizada de mães nos diversos segmentos que compõem a comunidade acadêmica (que não é feita somente de mães cientistas e/ou professoras e sim de estudantes e trabalhadoras terceirizadas, em sua maioria, cumpre notar)? Justamente estimulando a desnaturalização dos processos de invisibilização materna e de inadequação do lugar de mãe associado ao de estudante, pesquisadora, docente ou servidora. A maternagem e as diversas maternidades ficariam restritas a uma identidade doméstica e privada das mulheres, não devendo atravessar espaços profissionais, de estudo ou de convívio comunitário.

É provável que esse regime de silenciamento histórico explique o fato de uma unidade acadêmica como a Faculdade de Educação da UFRGS, que tem mais de meio século de existência, até muito recentemente (FERREIRA et al, 2023) não ter as questões associadas às maternidades, a parentalidades diversas e aos cuidados entre os discursos e práticas emergentes em seu cotidiano. Possuímos, na Faced, áreas consolidadas de pesquisa, ensino e extensão que abordam as infâncias em seus diversos vieses, somos uma unidade com números expressivos como 175 docentes, mais de 80 servidores, em torno de 500 estudantes de pós-graduação e incontáveis atendimentos semanais a estudantes das mais diversas

graduações (licenciaturas e bacharelados) e projetos de extensão. Nosso público é eminentemente feminino: dentre nossas estudantes, docentes e servidoras sabemos, pela observação empírica, que boa parte delas é mãe e/ou cuidador/a. No entanto, surpreende que, até menos de um ano atrás, nosso “prédio azul” não tenha visto emergir a pauta das diferentes maternidades e do acolhimento e suporte às mães, cuidadores/as e crianças de nossa comunidade acadêmica.

Nesse caldo de emergência e de construção de um regime de escuta e visibilidade que acolha e compreenda as especificidades de mães e crianças, foi instituído, em junho de 2023, através de portaria assinada pela Direção da Faced (então exercida por duas mulheres mães, cumpre notar) e com aquiescência do Confaced, o GT Maternidades Faced, que atua em frentes de construção de diagnóstico, diálogos e instituição de novas práxis para com as diversas maternidades de nossa comunidade acadêmica. Tão relevante quanto a sonhada criação e implementação de políticas públicas que garantam acolhimento e permanência de qualidade para mães e crianças na universidade, bem como condições de equidade na carreira científica de docentes e pesquisadoras, é pensarmos no primeiro passo a ser dado para nos encaminharmos a efetivamente obtermos resultado a partir das lutas coletivas feministas na academia: estamos olhando para as mães? As mães e as crianças são vistas, escutadas, consideradas sujeitos de fala (e choro e gritos, por vezes, por que não?) e de direito nestes espaços? Nós mães estamos nos escutando e olhando generosamente umas às outras, nas especificidades de cada maternagem (citando aqui, como exemplo, as mães PcDs, as mães de PcDs, as mães negras, as mães indígenas, as mães do campo, as mães solo, as mães adotantes, as mães LGBTQIA+, entre outras)?

Procedimentos metodológicos

Tendo em vista as ponderações e a contextualização expostas, encaminhamos esse texto relatando os procedimentos metodológicos do GT em busca de mitigar o silenciamento materno, dar visibilidade às mães e crianças em sua diversidade (FERREIRA, 2023) e construir escutas ativas que promovam acolhimento e permanência, gerando políticas acadêmicas específicas a médio prazo.

Inicialmente, foram definidos pelo grupo seus objetivos centrais, bem como um plano de trabalho para o biênio 2023/2024 do GT, aprovado pelo Conselho da Unidade. O trabalho segue com reuniões mensais, representatividade do grupo em diversos eventos envolvendo maternidades e acolhimento, entre outros.

Os objetivos centrais do GT são:

1. Dar visibilidade às maternidades, às mães e aos seus filhos/as (principalmente às crianças), quebrando a barreira de silenciamento sobre o tema imposta de forma tácita no meio acadêmico;

2. Acolher as mães facedianas e propor políticas institucionais de garantia da permanência na universidade;
3. Coletar, organizar e divulgar informações legais sobre direitos concernentes às gestantes, puérperas, lactantes, adotantes, mães e cuidadoras principais de crianças, jovens e PcDs;
4. Analisar, estudar e efetuar proposições sobre normativas da UFRGS e da Faced relativas à maternidade em todos os segmentos (graduação e pós-graduação; pesquisa, extensão e ensino; relações trabalhistas);
5. Promover espaços de debate, compartilhamento de experiências e de produção de conhecimento sobre as diversas maternidades e maternagens na contemporaneidade.

Resultados

Desde sua implementação, como resultados já obtidos estão: a instalação de uma sala de acolhimento de lactantes e mães acompanhadas de crianças de 0 a 12 anos, nomeada Sala Facedinha, equipada para receber esse público (inauguração prevista para maio de 2024) e a organização de kits chamados “caixas lúdicas”, compostos por materiais didáticos e lúdicos a serem disponibilizados para que as crianças presentes na Faced possam acompanhar seus pais ou responsáveis e ter entretenimento orientado adequados às faixas etárias. Também está sendo elaborado um Censo Materno da Faced, que visa mapear as maternidades na unidade e, a partir da análise dos dados obtidos, traçar linhas de ação concretas para os próximos anos, acolhendo as especificidades das diversas maternagens presentes na Faculdade de Educação e às crianças, por consequência. Esse censo deve ser implementado no primeiro semestre de 2024 e seus resultados serão analisados ao longo do segundo semestre de 2024, fornecendo subsídios fundamentados para a construção do plano de trabalho do GT para o próximo biênio.

Dentre os resultados, salientamos uma conquista de significativa relevância para a inserção materna na pós-graduação: a presença da maternidade como requisito de avaliação no edital de ingresso do PPGEDU no ano de 2024. Segundo o referido edital:

7.3.1 – As candidatas mães e/ou adotantes terão acrescidos 2 (dois) pontos na nota do currículo, por filho/a, considerando os últimos 10 anos (no caso, no período compreendido entre 2014 e 2023), mediante apresentação, no ato de inscrição, da cópia da certidão de nascimento e/ou, se for o caso, documento de guarda para fins de adoção de cada filho/a (PPGEDU, 2024).

Em 52 anos de existência, pela primeira vez, o Programa de Pós-graduação em Educação da UFRGS, que em março de 2024 possui 75,5% de estudantes mulheres em seus quadros, considera a maternidade em seu processo seletivo. Essa é uma vitória simbólica da mais alta

relevância para os processos de construção de visibilidade materna que ensejamos a partir das articulações dos diversos grupos de mães e da luta feminista em nossa instituição.

Implicações da pesquisa

Crianças sempre estiveram pelos nossos corredores, salas de aula, auditórios, pátios e banheiros, porém, quase que num estatuto de clandestinidade. Estudantes e servidoras silenciavam suas maternidades, que por décadas deveriam ser invisibilizadas para comprovar a eficiência das estudantes e profissionais. Além (ou aquém) das agências de fomento à pesquisa, as acadêmicas mães eram invisibilizadas eminentemente por seus pares na universidade, perpetuando elas mesmas o ciclo de silenciamento ao não darem vez e voz às estudantes mães. No entanto, os avanços da quarta onda feminista e a pandemia de Covid trouxeram o assunto à pauta de modo incontornável: como ser mãe-estudante, mãe-professora, mãe-servidora e organizar essas esferas da vida feminina de modo a não prescindir de nenhuma delas? O debate emergiu, portanto, e temos visto se organizar um movimento que não é coeso, homogêneo ou unilateral, que não é vertical e sim horizontal, arranjos fluidos entre os diversos segmentos da universidade (estudantes, docentes, servidoras, gestores) que têm propiciado o surgimento de espaços de acolhimento, grupos de trabalho, projetos de extensão e pesquisa, espaços de debate e reflexão em eventos e na arena pública acadêmica, entre outros. O GT Maternidades Faced é um dos braços deste movimento na UFRGS.

Assim, podemos dar fechamento a estas breves considerações retomando as perguntas do início, colocadas pelas performances: “Aqui cabe uma mãe?” e “Você já olhou para uma mãe hoje?”. Ousamos responder: sim, cabem muitas mães na universidade, em seus diversos espaços e lugares, e, se seguirmos o fluxo do movimento coletivo materno atual, todos, sem exceção, saberão que estão olhando para uma mãe nos corredores de nossas instituições de ensino superior em um futuro próximo. Nós estamos olhando.

REFERÊNCIAS

BASSIT, Leticia. **Mãe ou Eu também não gozei**. São Paulo: Editora Patuá, 2019.

BASSIT, Leticia. **Aqui cabe uma mãe?**. Performance fotográfica (2023). Registros em <https://www.instagram.com/leticiabassit/?hl=pt> . Acesso em 22/03/2024.

CERUTTI, Marcelle. **Cara de mãe**. Série fotográfica com textos de Leticia Bassit (2024). Registros em https://www.instagram.com/matria_amada/?hl=pt . Acesso em 22/03/2024.



IV SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA - 2024

GOMES, Jocarla. **Mãe. Performance** (2024). Registros em https://www.instagram.com/jocarla_gomes/?hl=pt. Acesso em 22/03/2024.

FERREIRA, Taís. A invisibilização da maternidade solo na universidade: quem somos e onde estamos?. In: MOURA, I. O. E. S. et al. (Org.). **Por Onde Andamos? Experiências e Perspectivas das Múltiplas Maternidades nas Universidades**. 1ed. Rio de Janeiro: Editora das Autoras, 2023, v. 1, p. 227-244. Disponível em: <https://www.nucleomaterna.org/e-book-por-onde-andamos>. Acesso em 26/03/2024.

FERREIRA, Taís et al. **Grupo de Trabalho Maternidades da Faculdade de Educação da UFRGS - mapear, acolher, permanecer**. Anais do III Seminário Maternidade e Universidade da UFRJ, 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nSJ8r2YkgZc&t=38s>. Acesso em 26/03/2024.

PPGEDU (Programa de Pós-Graduação em Educação). **Edital de Seleção para os Cursos de Mestrado e de Doutorado em Educação**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ppgedu/edital-02-2024-ppgedu/>. Acesso em 26/03/2024.